

GUARDA DUVARIANA

NUNO R.

SABOTAGE#0

write.as/sabotage

Guarda Duvariana

Nuno R.

write.as/kroeber

Nenhuma parte desta história pode ser reclamada pela lei, privatizada ou impedida de ser distribuída. Qualquer tentativa de supressão ou propriedade será recebida com subversão, criatividade e sentido de humor. Todos os leitores são bem-vindos. É na transmissão pessoal que se investe aqui. Se as páginas que se seguem o inspirarem, envia uma cópia a um amigo, ajuda a sabotar a distopia.

Sabotage#0 é uma rede de distribuição de histórias. Narrativas curtas contra um longo deserto. Se a realidade é distópica, a imaginação continua rebelde. #0 para sempre 0#, porque o momento é agora, antes e depois do futuro.

Para fazeres parte desta rede, basta juntares o nome Sabotage#0 à tua história e enviares uma cópia de volta a quem te enviou uma história. Se receberes de volta uma história, envia-a também a quem ainda não a conhece. Escreve em qualquer língua, envia para qualquer parte do mundo. Podes também partilhar o link:
write.as/sabotage.

Traduz, adapta, encena, filma, lê em voz volta ou sussurra ao ouvido. Descobre o potencial que nem o autor anteviu. As histórias vivem enquanto se contam.

Traduz esta explicação à tua maneira para as línguas que falas.

Guarda Duvariana

Um bafo de vapor, como de um monstro invisível, marca o avanço dos que passam a fronteira. Passo a passo, aproximo-me da origem desta respiração industrial. Sobressalto-me sempre que o som demora mas regressa. Os guardas têm a gentileza rude e eficiente de burocratas. Não tocam nem levantam a voz. Vem uma pessoa. Um dos guardas levanta a mão mandando parar. O outro pressiona um botão. A mão do primeiro não baixa até que um dois três quatro cinco segundos passem. A pessoa, se sobrevive, respira de alívio. A angústia fica para os que se seguem.

O muro químico. Assim foi vendida e comprada a ideia. Uma barreira invisível, que não perdoa nem desleixa a execução da lei. Olho a muralha de betão e vejo as palavras dos políticos ali a desfazerem-se, papel em chamas a soltar um cheiro acre a destruição. Um muro de persuasão. Uma ameaça que só um louco ousaria enfrentar e cuja loucura merece por isso mesmo sentença. Avanço, sem pressa, e tudo o que penso e sinto me parece contaminado de insanidade.

Tento distrair a imaginação. Olho o símbolo nos uniformes e estranho de novo a simplicidade quase lúdica daquela imagem. Oito tijolos vermelhos a sobressair num muro cinzento, como uma peça de puzzle. Um espaço fechado, a cor apenas a reforçar a conclusão do quebra-cabeças. Nada do que foi dito corresponde aos factos que me ameaçam. Quando me expulsaram da Europa, injetaram-me com o Agente Duvar. Esse químico inócuo não o sinto. Mas o perigo é real, habita o meu corpo. Ao passar junto à Guarda Duvariana, um rápido banho químico pode ser a minha morte. Há menos de 20 pessoas à minha frente e agora é impossível voltar atrás.

Ver a dezena de guardas que patrulha a longa fila é desencorajador. Nenhum deles tem armas de fogo. Os compressores que carregam disparam uma nuvem química. A sua defesa é a antecipação. O que nos espera na fronteira é inevitável. Somos condenados, apenas podemos decidir antecipar a sentença. De vez em quando, há alguém que o faz. Uma corrida, sem esperança nem direção. E os guardas mais próximos banham o seu corpo com o reagente.

Os gritos impedem-me de olhar. Sei, das descrições clandestinas, que os tecidos fervem e a dor deve ser insuportável. Como uma injeção de ácido. Depois de serem ilegalizadas, as ONG's continuaram a enviar relatórios sobre a violação dos direitos que agora não nos reconhecem. Não tenho mais nenhuma solução. Preciso de fazer isto.

Uma destas organizações escutou a minha história, gastou uma dose ilegal de antídoto comigo, avisou-me que a cura me poderia matar antes da droga duvariana. O meu marido rejeitou-me, incapaz de perceber o perigo que aceitei enfrentar. Os nossos filhos estão em perigo. Do outro lado da Muralha do Bósforo uma família raptou os meus filhos, chamou-lhe adoção. Expulsaram-me do espaço europeu alegando probabilidade alta de ação terrorista. Para oficializar a minha condenação, bastou-lhes carimbar as respostas que escrevi num formulário. Antes de me devolverem à guerra, uma injeção. O químico Duvar fundiu-se com o meu organismo. Ninguém sabe que composto é este. Vários cientistas foram assassinados, antes que falassem. A Duvarian International é uma das marcas mais poderosas do mundo. A sua Guarda é ao mesmo uma imensa milícia armada sem bandeira, um conjunto de tropas mercenárias sob comando privado. Quantos trabalham sob o símbolo dos oito tijolos, é uma incógnita. Mas os seus uniformes estão presentes na maior parte dos conflitos atuais. E as armas químicas, o malware de ciberguerra e as armas autónomas que

produzem em massa são vendidas aos governos e aos desgovernos do mundo. Diz-se que o seu poder lhes permite coagir líderes, gerir zonas de caos, testar armas em civis, escrever e aplicar a legislação do medo.

Disseram-me que haveria câmaras apontadas a esta longa fila de desespero humano, que drones das ONG's estariam preparados para filmar o que me irá acontecer. Se eu morrer, a violência do meu falhanço deverá atingir as redes noticiosas como uma mancha de sangue. Ninguém me prometeu segurança, mas puderam assegurar-me a grande probabilidade do risco. Saí acusada de uma estatística imaginária e regresso com os números reais contra mim.

Um tratamento experimental, doloroso e secreto deixou-me doente, fez-me cair o cabelo e agora a náusea e o tremor são constantes. Aproximo-me da passagem pela grande muralha de betão com uma peruca, uma camada espessa de maquilhagem e lentes de contacto. Um disfarce da minha condição de saúde. As lentes, imagino, serão também uma forma de iludir alguma biometria que me identificasse. Mas não vejo nenhuma tecnologia ou aparato que dê a entender a preocupação de identificar seja quem for. Esta é a fila dos precários, os que entram para trabalhar um turno de quase 24h para trazer de volta alguma comida e nenhuma divisa. Os que foram expulsos, diz a ameaça química, que se atrevam. Que venham, para morrer publicamente na dor da sua vergonha.

Faltam 5 pessoas.

Suo abundantemente. O meu pânico, vou percebendo à medida que me aproximo da curta sombra do betão, não chamará a atenção de ninguém. Todos têm um olhar de terror, os seus gestos são nervosos, consigo escutar a respiração dos que me estão mais próximos. A injeção dos que me condenaram é uma presença silenciosa, uma violência discreta. As náuseas, a fraqueza e o tremer das mãos são os sintomas da ação dos que me

ajudaram. Tudo se inverteu. A retidão magoa e põe em perigo. E a iniquidade é impercetível. Assim se conquista o silêncio dos oprimidos. Fazendo da vida uma balança em que um prato tem o peso todo da autoridade, não se mexe. E tudo se tem de arriscar, para encontrar o equilíbrio. Viver sem os meus filhos, resignar-me ao consentimento do silêncio é-me impossível. Adoeci dessa impossibilidade. Só posso melhorar.

Há duas pessoas à minha frente. Uma.

É a minha vez. O primeiro guarda levanta a mão e eu espero. O segundo aperta um botão.